

## Índice

Da televisão no menu ao espectador compulsivo .....	1
Também as mães nórdicas ganham menos.....	2
“Aporofobia, el rechazo al pobre” .....	3
“Três Cartazes à Beira da Estrada” .....	4

## Da televisão no menu ao espectador compulsivo

O consumo de cinema e séries de televisão começou a renovar-se há alguns anos com as mudanças tecnológicas: os ecrãs diversificaram-se e com eles os tempos e lugares de visionamento. Com a chegada da televisão à Internet e o surgimento de plataformas digitais o conteúdo multiplicou-se. E, em seguida, a presença da Netflix em muitos países, fez disparar o consumo de séries e o público acostumou-se a pagar pelo conteúdo digital.

As facilidades em pagar pelo visionamento legal *on line*, juntamente com a perseguição dos delitos cibernéticos, provocaram uma mudança de hábitos de consumo que era mais do que desejável: o retrocesso da pirataria. É cada vez mais difícil encontrar páginas de visionamento *on demand* ou descarga ilegal e, em todo o caso, não merece a pena perder tempo quando, com apenas 10 euros por mês, é possível subscrever plataformas em *streaming* de maior qualidade com possibilidade de *download* temporário e algoritmos que disponibilizam uma oferta de serviços personalizada.

Isto prejudicou os canais de televisão. A audiência está cada vez mais fragmentada e o bolo do tempo de consumo tem de ser repartido agora com as plataformas digitais – Netflix, HBO, Amazon Prime Video, Filmin, etc.

O menu de canais de televisão já não é suficiente: o espectador prefere escolher o que ver, quando o ver e onde, e em que dose. Segundo um estudo da FX Networks, uma divisão da 21st Century Fox Inc., 117 dos 487 *shows* lançados no ano

passado nos EUA são serviços de *streaming*. Em sete anos, a quantidade de programas e séries estreados nos Estados Unidos mais do que duplicou.

Os investimentos em séries originais como “[Stranger Things](#)” ou filmes como “[Bright](#)” contribuíram para aumentar os assinantes da Netflix a um ritmo vertiginoso. Segundo dados do último trimestre de 2017, a empresa alcançou os 117,58 milhões de utentes em todo o mundo. Deles, 110,64 milhões são assinantes, o que significa um aumento de 6,62 milhões relativamente aos três meses anteriores. Com tão bons dados, a empresa tem a perspectiva de integrar este ano mais de 30 séries originais de diversos países como França, Polónia, Índia ou Coreia do Sul.

Produzir séries próprias permitiu à Netflix libertar-se da dependência dos acordos com distribuidores e, além disso, serviu-lhe para dotar a sua marca de uma maior presença e personalidade.

A ideia original do conteúdo próprio de alta qualidade não foi da Netflix, mas da HBO, mas o canal utilizou o modelo de distribuição tradicional: cabo ou TV com episódios semanais. O sucesso da Netflix foi desenvolver a ideia de acordo com as novas normas do *streaming* e com as novas tendências de consumo. Depois dela, têm vindo a chegar as restantes plataformas.

Em resumo, os canais digitais estão a transformar-se em plataformas, as plataformas em grandes marcas que criam conteúdos, e esses conteúdos atraem os assinantes e geram rentabilidade sustentada. O conteúdo é, portanto, o rei.

Com a Netflix no topo da produção de séries, Hollywood e Silicon Valley lutam por controlar o entretenimento. Qualquer multinacional tenta assumir a sua parte do bolo criando conteúdo próprio. Até *webs*, redes sociais ou serviços de distribuição como a Amazon, com o serviço Prime Video. Ou o YouTube, registando criadores que metem conteúdos na sua rede. A Apple avançou, aplicando a sua estratégia musical.

O mais surpreendente é que interessa mesmo a redes como o Facebook, que seguiu um modelo parecido com o do YouTube, ou do LinkedIn, comprado em 2016 pela Microsoft, da qual há rumores de que poderia interessar-se pela produção de séries em torno do mundo laboral e de negócios.

A Internet e as séries são um binómio pelo qual todos anseiam. Os cineastas estão a dar o salto para a ficção de séries, algo que pesa nos projetos e atrai mais assinantes. A Apple contratou Damien Chazelle, realizador de "[Whiplash](#)" e de "[La La Land](#)", para desenvolver uma série. Antes, Chazelle acordara com a Netflix realizar uma série musical, "The Eddy". Juntamente com ele, outros realizadores de cinema como [Paolo Sorrentino](#), [Alberto Rodríguez](#) ou até [Michael Haneke](#).

O modelo de distribuição da Netflix, com a entrega de temporadas completas, seguido por outras plataformas e serviços, provoca outra mudança acrescentada, a da "voracidade" de consumo: passámos do conteúdo no menu, para o *binge-watching* ou ingestão excessiva e compulsiva de séries.

A BBC disse que as novas temporadas das suas séries também se disponibilizam por *streaming*, podendo levar a HBO a seguir as suas pisadas. Hoje, a concorrência é por tempo de visionamento, até chegar à ingestão excessiva e compulsiva.

A pergunta é: quanto do seu tempo investirá o espetador, limitado que está a 24 horas diárias?

John Landgraf, diretor executivo da FX Networks, pensa que "as empresas audiovisuais estão a produzir mais programas do que aqueles que os espetadores têm tempo para ver", e isso, na sua opinião, "prejudica a rentabilidade".

Com esses volumes de produção, de 100 a 200 canais e plataformas, alguns com 10 000 filmes e séries, é complicado saber o que ver. Especialistas, como a equipa de engenheiros da Telefónica I+D no Parque Tecnológico de Walqa, desenharam um sistema baseado em algoritmos de recomendação e Inteligência Artificial e Big Data que ajuda a movimentar-se. É um serviço que adapta os conteúdos a gostos e preferências de utentes, com recomendações personalizadas sobre filmes, séries ou outros programas de TV. Algo parecido tem a Netflix.

Em todo o caso, tudo isto acaba de começar. O tempo dirá se a mudança de modelo é sustentável para o espetador e se será rentável economicamente a longo prazo.

C. A. C.

## Também as mães nórdicas ganham menos

A Dinamarca, além de ser um país, converteu-se, por exemplo, em Espanha, numa espécie de arma de arremesso da esquerda contra o governo. O país nórdico é citado nos debates como o *non plus ultra* da equidade social e o modelo que se deveria replicar com a maior exatidão possível. No entanto, que levante um dedo quem apresente a igualdade entre homens e mulheres como um tema já solucionado nesse país.

Os dados refletem uma realidade bem diferente: as mulheres dinamarquesas, uma vez iniciada a sua vida laboral, começam-na a par com os homens quanto a remuneração. Ora, uma vez que dão à luz o seu primeiro filho, os seus rendimentos monetários conhecem uma queda abrupta da qual lhes é muito difícil recuperar: a partir daí passam a ganhar até 20 % menos do que eles – e quase a mesma percentagem relativamente às mulheres que não tiveram filhos.

Um [estudo](#) elaborado por uma equipa da Universidade de Copenhaga e pela London School of Economics, que monitorou o período 1980-2013, precisa que o fosso se ampliou consideravelmente durante esse espaço de tempo. Na raiz do assunto, uma explicação imaginável: a dedicação aos filhos retira-lhes tempo de superação profissional e, conseqüentemente, veem reduzidas as suas possibilidades de promoção nos seus postos de trabalho, assim como de receber salários mais próximos dos dos homens.

Os investigadores falam, portanto, de uma "penalização por filho", e explicam que a sua persistência no tempo acontece, porque é transmitida de uma geração para outra a tradição de que é a ela quem cabe cuidar dos filhos, senão em exclusivo, pelo menos com maior dedicação que o homem, além da influência exercida pelo ambiente da sua própria infância na formação das suas preferências em relação à família e ao desempenho profissional.

Noutro país paradigmático, a Suécia, observa-se uma situação semelhante. Professores das universidades de Duke e Upsala fizeram uma [investigação](#) sobre salários e descobriram um fosso de 38 % (141 000 coroas ou 14 300 euros) nos rendimentos anuais de mulheres e homens, diferença favorável a estes últimos.

Ora, a fenda alarga-se um pouco mais quando entra em jogo o fator *filhos*. Se se comparar mães e pais, observa-se que aquelas recebem 53 % menos do que os pais, o que traduzido em *cash* são 226 000 coroas ou 23 000 euros. "A diferença nos rendimentos entre mães e pais reflete o facto de que elas assumem muito mais tempo do que eles fora do trabalho, na forma de licença parental", aponta o documento.

É compreensível, de acordo com o exposto anteriormente, o resultado de outro [estudo](#) que efetuou um acompanhamento

da trajetória das profissionais que trabalharam num grupo de empresas suecas entre 1990 e 2011. Segundo se constatou, entre os presidentes de 302 grandes empresas, apenas 51 eram mulheres. Quanto à remuneração, dos empresários que ganhavam anualmente pelo menos um milhão de coroas (101 000 euros), apenas 20 % eram do sexo feminino.

Tratava-se, claramente, de um tema de horas e de família.

Vistos a uma indulgente distância, os casos dinamarquês e sueco podem suscitar espanto. Parte-se do princípio de que a retaguarda, o tema de “e o que faço com os meus filhos”, está bem coberto pelo Estado, fazendo com que as suas cidadãs possam subir na escala social com a mesma agilidade que os seus pares masculinos.

Na Dinamarca, por exemplo, os progenitores têm quase um ano de licença remunerada de paternidade. Regra geral, a mãe tem direito a deixar de trabalhar durante as quatro semanas que antecedem o momento do parto, e uma vez que tenha dado à luz, pode fazê-lo outras 14 semanas. Quanto ao pai, pode abandonar o escritório ou a oficina por duas semanas quando nasce o seu filho. Depois, ambos podem distribuir entre si outras 32 semanas de licença – com uma remuneração algo menor – para ficarem em casa a cuidar do filho.

Quanto à Suécia, os pais têm direito a uma licença paga de um ano, embora não ganhem o salário integralmente, mas 75 %, e um número menor se decidirem prorrogar a licença durante mais três meses. De igual modo, dispõem de até 90 dias por ano para cuidar dos seus filhos doentes, com a alternativa de, se o desejarem, trabalharem menos horas sem terem de perder o seu emprego a tempo inteiro. Além disso, aqueles que querem deixar os filhos numa creche fazem-no a um preço subsidiado.

Que acontece então? Que quem faz uma utilização mais intensiva das licenças é a mulher. Além disso, se alguém costuma abandonar o trabalho sem terminar a jornada laboral devido a uma urgência relacionada com o filho, é ela: entre os 3 e os 6 anos, pode retirar-lhe ao trabalho três horas semanais por este motivo. E o rendimento posterior, de alguma forma, reflete isso.

Dito tudo isto, reduzir a igualdade entre homens e mulheres ao tema do salário pode tirar do foco das atenções um aspeto tão importante ou mais do que o económico ou o do prestígio social: a satisfação pessoal. A promoção no posto de trabalho e, em resultado disso, a melhoria salarial, são fatores relevantes para avaliar o desenvolvimento do indivíduo, mas há outros talvez menos tangíveis ou medíveis, que proporcionam bem-estar.

Em 26 de janeiro último, o diário “El País” abordava o assunto [numa breve análise](#) intitulada “Las holandesas prefieren menos horas y más calidad”. A jornalista relatava que as mulheres holandesas trabalham em média 29 horas por semana, 8 menos que os homens, e que a meia jornada

laboral tem bom acolhimento entre o público feminino. De facto, 63 % das trabalhadoras com menos de 25 anos adotam esta modalidade, mais do dobro dos trabalhadores com a mesma faixa etária.

O Centro de Planeamento Económico holandês explica a tendência com argumentos que, curiosamente, apontam para uma diferença de interesses de acordo com a psicologia própria de cada sexo: “Eles apreciam um bom salário”; “as mulheres, por outro lado, tendem a combinar o trabalho com a maternidade e os seus gostos”. A repórter cita, além disso, a psicóloga Ellen de Bruin, professora da Universidade de Leiden, que se apoia nalgumas investigações para dizer que, graças à boa situação da economia local, não constitui problema que a mulher permaneça em casa enquanto o seu parceiro trabalha. “À mulher”, assegura, “compensa-lhe a sensação de equilíbrio entre os lados pessoal e público, mesmo que haja menos rendimentos no total”.

Talvez nisto as suecas e as dinamarquesas – e talvez as norueguesas, finlandesas e islandesas – não pensem de modo muito diferente daquelas que, à hora em que as empresas abrem as suas portas em Amesterdão, preferem levar o seu filho a passear pelo Jardim Zoológico. Com certeza que isso não aponta para rendimentos mais substanciais, mas talvez se enquadre mais com o seu sentido da felicidade.

L. L.

## “Aporofobia, el rechazo al pobre”

Autor: Adela Cortina  
Paidós.  
Barcelona (2017).  
196 págs.

Defende Adela Cortina que a base da maior parte das formas de exclusão social é a rejeição dos pobres, os quais parece que não têm nada para oferecer em troca. Todavia, essa realidade ficou em grande parte invisível à humanidade, porque não se contava com um termo para nomeá-la. Com o objetivo de torná-la visível e assim pensar sobre ela e combatê-la, Cortina inventou em 1995 o termo “aporofobia”, que rapidamente se impôs e já é considerado um neologismo válido em castelhano.

Na primeira parte deste ensaio é-nos apresentado o conceito e a sua estreita relação com os delitos e discursos de ódio. Neste aspeto, Cortina penetra no espinhoso conflito entre a

liberdade de expressão e o direito à autoestima. Ao fazê-lo na perspectiva da ética cívica, que perpassa por todo o livro, contribui com um valioso ponto de vista que nem sempre está presente nas análises jurídico-constitucionais desse conflito de direitos.

Na segunda parte, e sempre em linha com a reflexão sobre o fenómeno universal da rejeição do pobre, aborda as bases biológicas dos nossos comportamentos morais. Não tem problemas em assumir que “o nosso cérebro é aporóforo” pela sua evolução neurológica ao longo da história mas, ao mesmo tempo, afirma categoricamente a capacidade do ser humano para superar essa dificuldade. Ao referir-se à consciência moral, reconhece igualmente a forte impressão que exercem nela tanto a biologia como a sociedade, mas também identifica os traços que escapam a essas causas e que a constituem como base da nossa liberdade.

Cortina também se interessa pelas propostas de “melhoria moral” a partir de intervenções genéticas, neurológicas ou farmacológicas que vêm sendo propostas nos últimos anos como meio para que os seres humanos pratiquem o bem. Em vez de rejeitar completamente essas propostas, analisa-as e assinala as suas limitações e riscos, para acabar por defender a superioridade da educação e da liberdade humana como os meios mais genuínos para a melhoria moral.

Na terceira parte, a filósofa valenciana interroga-se sobre o que se deve entender por pobreza, se essa condição é ou não evitável, se lutar para a superar tem a ver com direitos ou com pura utilidade social, e se a meta é eliminar a pobreza ou igualmente superar as desigualdades económicas. Presta atenção particular a um grupo concreto e muito numeroso de pobres: os imigrantes necessitados e os refugiados políticos que, aos milhões, batem às portas da Europa sem receberem uma resposta encorajadora. Cortina defende que a resposta que deve ser dada a esse drama, porque é a única à altura da nossa condição humana, é a hospitalidade cosmopolita, entendida como virtude moral e dever jurídico.

Ao longo de todo o livro, a autora insiste em que a pobreza não é somente um desafio a que cada pessoa deve responder, mas uma grave injustiça que, como cidadãos, temos o dever de superar. Para consegui-lo, os principais recursos são a educação e as práticas sociais e políticas capazes de gerar instituições igualitárias e inclusivas.

V. B. C.



## “Três Cartazes à Beira da Estrada”

“Three Billboards Outside Ebbing”

Realizador: Martin McDonagh  
Atores: Frances McDormand; Sam Rockwell  
Duração: 115 min.  
Ano: 2017

Um filme cru, duro e realista, vencedor de vários óscares, narra a história de uma mulher injustiçada e revoltada, pelo facto da polícia não ter descoberto o assassino da sua filha. Resolve atuar e coloca em três cartazes à beira da estrada uma mensagem acusando diretamente o chefe da esquadra.

A utilização desse meio vai desencadear uma série de ações e gestos, principalmente no chefe da polícia, visado nas mensagens. Ele fizera o possível e sente-se injustiçado. Tem um cancro já em estado avançado, o que o faz sofrer mais e acaba por se suicidar. Mas antes, deixa várias cartas escritas: uma à mulher e filhos. Outra à mulher que alugara os três cartazes e uma outra a um dos seus subordinados, um polícia nada exemplar na sua conduta.

Nessas cartas vai ao coração das pessoas. Escreve-lhes conselhos como nenhum deles ouvira antes. Pouco a pouco todos os envolvidos vão mudando de atitude. Não querem “mudar o mundo” para melhor, mas apenas atuar naquilo que estava ao alcance das forças de cada um. Para isso começam por se perdoar a si próprios. Só a partir daí vão recomeçar as suas vidas em favor de todos.

## Tópicos de análise:

1. Saber ouvir um bom conselho ajuda a alcançar as metas.
2. Aceitar os próprios erros é o primeiro passo para os corrigir.
3. O impacto de uma mensagem mede-se pelo efeito nos outros.

## Hiperligação

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

